

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Especialização em Teoria Psicanalítica

Alexandre Augusto Silva Bacelar

TEÍSMO, ATEÍSMO E COMPLEXO PATERNO

Belo Horizonte

2012

Alexandre Augusto Silva Bacelar

TEÍSMO, ATEÍSMO E COMPLEXO PATERNO

Monografia apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de especialista em psicanálise.

Orientador: Dr. Eduardo Dias Gontijo

Belo Horizonte

2012

Ao pequeno e grande companheiro Tobi.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão àqueles que de alguma forma contribuíram para que este trabalho tenha transcorrido e esteja agora realizado:

À companheira Virginia, por quem sempre serei grato pelo apoio, atenção e carinho.

Ao meu irmão Luiz Flávio, atenciosamente presente e solícito nos períodos de necessidades e dúvidas.

Ao meu amigo Nilo, sempre ao meu lado e cuja satisfação pelo meu sucesso aviva-me. Obrigado pela abertura para discussão que sempre me concedeu. Meu Oskar Pfister.

Ao meu orientador Dr. Eduardo Dias Gontijo. Atencioso, objetivo e paciente nas suas pontuais e ótimas orientações.

O homem comum só pode imaginar essa Providência sob a figura de um pai ilimitadamente engrandecido. Apenas um ser desse tipo pode compreender as necessidades dos filhos dos homens, enternecer-se com suas preces e aplacar-se com os sinais de seu remorso. Tudo é tão patentemente infantil, tão estranho à realidade, que, para qualquer pessoa que manifeste uma atitude amistosa em relação à humanidade, é penoso pensar que a grande maioria dos mortais nunca será capaz de superar essa visão da vida. Mais humilhante ainda é descobrir como é vasto o número de pessoas de hoje que não podem deixar de perceber que essa religião é insustentável e, não obstante isso, tentam defendê-la, item por item, numa série de lamentáveis atos retrógrados. (Sigmund Freud, 1929)

RESUMO

Título: Teísmo, Ateísmo e Complexo Paterno

Autor: Alexandre Augusto Silva Bacelar

Este trabalho propôs-se a um estudo da relação entre religião/irreligião e o conceito freudiano de complexo paterno. A partir da concepção de Freud sobre o teísmo como originário e amparado neste, buscou-se aplicar o mesmo conceito no ateísmo, assunto quase inexistente na considerável bibliografia psicanalítica sobre religião. Para isso fez-se primeiro uma pesquisa bibliográfica sobre o ateísmo de Freud. Nesta, procurou-se levantar a origem de sua descrença na sua relação com seus genitores, principalmente com o pai, e no espírito de seu tempo, que abrigou cientistas e filósofos partidários de seus ideais antirreligiosos. Posteriormente realizou-se uma análise de dois textos específicos seus nos quais atribuiu a crença em Deus ao complexo paterno, à necessidade do ser humano em se reconfortar com um Pai onisciente e justo. Aqui a tentativa foi a de evidenciar sua visão sobre o assunto. A partir disso fez-se uma concisa revisão do conceito de pai nos seus textos, visto a posição-chave deste na relação com o tema proposto. Enfim analisou-se como o complexo paterno pode se inter-relacionar com o ateísmo e levantaram-se hipóteses sobre tal conexão. Com o trabalho pôde-se concluir que a postura antirreligiosa de Freud se deveu a fatores emocionais e ambientais, filho do Iluminismo que era. Concluiu-se igualmente que o complexo paterno, conceito utilizado pelo pai da psicanálise para explicar o teísmo e a necessidade de proteção paterna, pode igualmente explicar a atitude ateia dos indivíduos.

Palavras-chave: ateísmo, religião, complexo paterno, pai, Deus.

ABSTRACT

Title: Theism, Atheism and Father Complex

Author: Alexandre Augusto Silva Bacelar

This work aimed to study the relationship between religion / irreligion and the Freudian concept of father complex. From the conception of Freud about theism as originating and supported this, we attempted to apply the same concept in atheism, subject almost absent in considerable psychoanalytic literature on religion. For that became first a bibliographical research on Freud's atheism. In this, we tried to raise the origin of his disbelief in his relationship with his parents, especially his father, and in the spirit of his time, which housed scientists and philosophers of his supporters antirreligious ideals. Later there was a specific analysis of two texts on which their belief in God gave the father complex, the need of human beings to take comfort with an omniscient and righteous Father. Here the attempt was to highlight his views on the subject. From this became a concise review of the concept of father in their texts, as the key position in relation to this theme. Anyway analyzed as the father complex can interrelate with atheism and rose assumptions about such a connection. With the work we conclude that the Freud's antirreligious position was due to emotional and environmental factors, child of the Enlightenment it was. It was also concluded that the father complex concept used by the father of psychoanalysis to explain theism and the need for paternal protection, may also explain the atheistic attitude of individuals.

Keywords: atheism, religion, father complex, father, God.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 O Ateísmo de Freud	12
2.1.1 <i>A mãe</i>	13
2.1.2 <i>O pai</i>	14
2.1.3 <i>Os cavaleiros do apocalipse</i>	16
2.2 Teísmo e Complexo Paterno	23
2.2.1 <i>A culpa na origem</i>	23
2.2.2 <i>A base no desamparo</i>	27
2.3 Ateísmo, Pai e Complexo Paterno	30
2.3.1 <i>A figura paterna na psicologia freudiana da religião</i>	31
2.3.2 <i>Ateísmo e complexo paterno</i>	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS DAS FONTES UTILIZADAS PARA O TRABALHO.....	42

1 INTRODUÇÃO

O silêncio desses espaços infinitos me aterroriza.
Pascal

A religião, as bases de pensamento advindo desta e os conceitos interligados à doutrina religiosa são fatos individuais/sociais de grande relevância; relevância esta não necessariamente ligada à qualidade do que se aprende com a religião, daquilo que nos é ofertado por seus líderes e códigos e que podemos nos apropriar. Tornam-se relevantes os três fatos supramencionados devido à grande influência desta trinca na sociedade moderna – haja vista a ditadura de comportamentos e pensamentos impostos pela religião – e também na individualidade do indivíduo, na construção de sua personalidade, constituindo-se referencial onde o ser religioso baseia suas reações diante do mundo. Podemos concluir, portanto, pela *relevância do estudo da religião* em suas diversas vertentes.

A esfera do religioso, com a sua força já demonstrada historicamente, continua mostrando-se propícia ao acolhimento dos indivíduos, tamponando o vazio existencial, confortando as dores, consolando e protegendo a sempre desamparada humanidade. A ideia comumente disseminada do enfraquecimento do fenômeno religioso, não totalmente correta, pode levar a erros de pensamento e simplificação demasiado tortuosa de uma realidade intrincada e longe de ser passível de explicações rasas.

Ideia não *totalmente* correta, porque o que se percebe após uma rápida observação deste cenário é que o número de pequenas igrejas de credos diferentes vem aumentando consideravelmente, fenômeno análogo às instituições universitárias particulares no campo da educação. O número de fiéis continua avassalador - mesmo em tempos marcadamente científicos - para descontentamento do pai da psicanálise, que sonhava, ou tinha a ilusão, com uma era em que os homens, educados para a realidade, saíssem da posição infantil e resistissem ao duro teste da eliminação da religião em suas vidas. “Bem, pelo menos tenhamos esperança de que resistam” (FREUD, 1927/1996, p. 57). Na visão de Onfray (2007), descuidado detrator de Freud, mas filósofo consistente e estudioso do ateísmo, a época atual “parece ateia, mas apenas aos olhos dos cristãos ou dos crentes. De fato, ela é niilista (p. 29)”.

Deve-se pensar cuidadosamente esta última afirmação, de uma época que sucede um momento outrora religioso, depois científico, mas que não apaziguou os homens, dando à luz

uma era do desencanto. Drawin (1998, p. 11), numa reflexão da obra *A Dialética da Ilustração*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, ao falar do fracasso da razão ilustrada, afirma que “sua luz metafórica acabou por efetivar-se historicamente nas explosões que, dos céus, iluminavam o horror dos cadáveres que se amontoavam na terra do nosso século”.

A despeito da onda religiosa, e de sua ainda forte influência, também constatamos um crescimento do número de sujeitos declaradamente ateus. Embora tenhamos falado anteriormente do niilismo e do desencanto, dando voz a pensamentos coerentes com nossa vivência, seria difícil deixar de negar a constatação de que, juntamente com o crescimento de fiéis, cresce o número de descrentes.

Poucos cientistas possuem estudos e pesquisas tão reveladores sobre a condição humana como Sigmund Freud. Perspicaz observador da sociedade em que viveu, seus escritos fornecem subsídios para abordarmos psicanaliticamente a cultura, a antropologia e, também, a religião.

É justamente aqui que reside um dos objetivos deste trabalho: proceder a uma análise de parte da bibliografia de Freud no que diz respeito à temática da religião e entender suas principais conclusões; analisar o que ele doutrina acerca da relação entre a figura paterna e a figura divina, o que nos possibilitará concluir pela existência da religião como entidade reconfortante ao indivíduo (suprindo seu vazio e aplacando o seu sentimento de orfandade). Além de Freud, realizar levantamento de hipóteses tendo como referência teórica a obra de outros cientistas da Psicologia.

Ao penetrarmos nas raias do pensamento religioso, aprofundaremos e direcionaremos nosso estudo ao ateísmo. Eis aqui nosso principal objetivo científico: analisá-lo sob a perspectiva freudiana.

O complexo paterno ora fará nascer a crença em Deus no indivíduo e ora embasará o ateísmo (indivíduo e a liberdade da autoridade paterna).

Freud sempre atribuiu a crença em Deus ao complexo paterno, à necessidade humana em se reconfortar com a crença em um Pai onisciente e justo. Deus, para o cientista, é uma ideia nascida em consequência da problemática edipiana. Mais precisamente, no conflito com o pai. A figura materna e o feminino não mereceram sequer uma menção por parte de Freud.

Assim como ocorre em relação à “crença”, a problemática edipiana também dá mote à “descrença”. Um duelo interior. Duas faces de uma mesma moeda. Uma única problemática intensa o suficiente para originar dois sentimentos tão distintos e poderosos.

O debate aqui proposto permitirá a análise dos meandros e sutilezas desse fenômeno: a descrença em Deus e sua relação com a problemática edipiana.

Através das análises mencionadas, objetiva-se destrinchar o ateísmo em sua vertente psicanalítica, sobretudo freudiana, fornecendo base científica para pesquisas e estudos vindouros. Entretanto, não esqueçamos Morano (2003, p.46):

(...)o texto freudiano oferece elementos para analisar as conexões que o próprio Freud estabelece entre a negação de Deus e conflitos inconscientes não resolvidos. Evidentemente, considerando o posicionamento de Freud em relação ao fato religioso, não se pode esperar que estas relações entre descrença e neurose alcancem o mesmo grau de interesse e análise que o consagrado à temática da experiência religiosa.

Importante o estudo, pois que atual e carente de reflexões mais diretas sobre a temática. O fato ateu, antiquíssimo na história da humanidade e relevante por si mesmo, mas também por ser um objeto interessante para o olhar psicanalítico, precisa ser abordado e refletido. Nas palavras de Mello Franco Filho (1993, p.57) é pouca a “existência de trabalhos sobre os determinantes psicológicos da pessoa que se professa atea. Ora, se o fato de uma pessoa ter preocupações religiosas pode levar o analista a descobrir nela um conflito infantil determinante da mesma, porque não se poderia pesquisar na pessoa não-religiosa algum conflito que explicasse essa condição?”.

Para sua consecução procuraremos abordar de início o ateísmo de Freud, importante para a compreensão de sua postura ante o credo religioso, buscando compreender os determinantes internos e as possíveis influências externas que o levaram à negação da existência de Deus. Revisaremos alguns textos freudianos sobre a religião para neles visualizarmos sua postura antirreligiosa e atea, como seus argumentos que aqui nos interessam. Levantaremos a ideia do pai ao longo de seus textos para assim introduzirmos com mais clareza a problemática aqui proposta. Posteriormente traremos à baila a relação entre o ateísmo e o complexo paterno, este último também contribuindo para a compreensão tanto do crente quanto daquele que não crê.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O Ateísmo de Freud

*“Deixemos o céu aos anjos e aos pardais”
Do poema de Heine*

Para passarmos a uma exposição da relação entre irreligião e a relação do sujeito para com seu representante paterno é interessante abordarmos o ateísmo de Freud, podendo assim nos familiarizar mais com as prováveis motivações que este teve em seus escritos que tão apaixonadamente reivindicavam a vitória da razão científica sobre as ilusões religiosas.

Somava 18 anos quando pela primeira vez refere-se a si mesmo como ateu em uma carta a Silberstein de 8 de novembro de 1874: “... eu, um ímpio estudante de medicina e empírico, ouço duas preleções sobre filosofia e leio Feuerbach (...) Uma delas trata – escuta e pasma! – da existência de Deus, sendo que o professor Brentano, que as lê, é uma esplêndida pessoa, sábio e filósofo, embora ache necessário sustentar a diáfana existência de Deus com os seus pareceres” (BOEHLICH, 1995, p.90). Sabemos então que Freud é ateu, mas psicanálise não. Esta é um “método de pesquisa, um instrumento imparcial, tal como o cálculo infinitesimal, por assim dizer (FREUD, 1927/1996, P. 45)”. Em carta de 1927 a Max Eitington, citada por Gay (1992), diria que restava considerar se a análise deveria necessariamente levar ao abandono da religião. Aqui o ateísmo pessoal de Freud entra em questão. O pai da psicanálise viveu em um momento da história em que a ciência, a todo vapor, confrontava-se com o poder que o pensamento religioso, em detrimento do movimento iluminista, ainda exercia sobre as pessoas. Esse confronto, que podemos dizer que mesmo hoje ainda existe, fez com que Freud tomasse partido da ciência, defendendo sua *Weltanschauung* científica.

Ernest Jones (1989) explica que quando Freud dizia ter sido influenciado precocemente pela leitura da bíblia, queria dizer no seu sentido ético e histórico. “Cresceu privado de qualquer crença em um Deus ou Imortalidade, nunca parecendo ter sentido necessidade dela” (p.33).

Ateu militante até o último momento de sua vida, Freud teve na esfera religiosa um ponto de discórdia e tensão também em seu relacionamento pessoal mais especificamente com sua companheira Martha Bernays. Ela

...havia sido criada numa família judaica de estrita observância ortodoxa e aceitava suas crenças, ao passo que Freud era não só um ateu descrente indiferente, como também um ateu convicto determinado a afastar sua noiva de todo aquele disparate supersticioso. Ele era inflexível, absolutamente imperioso em sua constante demanda, muitas vezes enraivecida, de que ela abandonasse aquilo que, até então, não havia questionado por um único momento” (GAY, 1989, p. 51-52).

2.1.1 A mãe

Situemo-nos agora antes da fase adulta de Freud voltando, portanto, à sua infância. Ana-Maria Rizzuto propõe uma análise de sua vida pessoal para o entendimento de sua descrença e aponta que, mesmo Freud tendo descartado o elemento materno na gênese da necessidade religiosa, é esta figura que proporciona condições psíquicas que favoreçam uma formação da primeira representação de Deus. Isso porque serão as trocas afetivas entre mãe e filho e a satisfação das necessidades deste que irão favorecer a formação de uma representação de Deus, quer seja positiva, quer negativa.

Sua investigação da relação de Freud com a figura materna acrescenta dados para compreendermos seu ateísmo. Freud, segundo a autora, via a ama, e não a mãe, como o objeto primário que dele cuidava, inclusive o que contava as histórias de Deus. “O exame do relacionamento de Freud com a mãe e com a ama indica que seu primeiro vínculo foi com a ama” (RIZZUTO, 2001, p.229). Ao discutir sobre a contribuição que tanto a mãe como a ama deram para sua concepção de Deus, a autora supracitada infere que com relação à primeira,

Amalie (...) não deve ter cuidado plenamente das necessidades emocionais dele. (...) seu vínculo com ele era de origem narcisista. Essas experiências podem ter contribuído para um aspecto da representação de Deus que impeliu Freud a querer se libertar de uma mãe-Deus possessiva, exigente e emocionalmente inacessível (Idem).

O desejo de se livrar de uma mãe que também tinha intensa necessidade dele, pode estar no cerne de suas ideias ateias posteriores. Também importante é a partida abrupta da ama, que o deixou desamparado em um momento em que a criança se encontra indefesa. Segundo Gay (1989), foi um “amor bruscamente interrompido”. Afirma que Freud sugeriu que ela atuou mestra em questões sexuais. Não só, pois cuidando dele até os dois anos e meio ela quem contava histórias ao pequeno Sigi e o levava à igreja. Sua partida se deveu a à prisão, consequência de um pequeno roubo seu. “Seu desaparecimento, coincidindo com a ausência da mãe, gerou uma lembrança vaga, desagradável, que Freud só conseguiu esclarecer e interpretar muitos anos depois” (GAY, 1989, p. 24).

Ernest Jones (1989), diz-nos que Amalie cria em Deus, inclusive abençoando o filho quando este estava para constituir-se como chefe de família. De fato, nada insinua que sua mãe tenha tido qualquer pensamento ou comportamento antirreligioso.

2.1.2 O Pai

O elemento paterno, principal na relação que se estabelece entre o sujeito e Deus na teoria freudiana, também impactou sua vida. A autora mostra que Freud não perdeu seu pai como aconteceu com a mãe, mas perdeu o homem que admirava, homem este que poderia ser alçado à categoria de Deus. Rizzuto (2001) diz que Jakob (pai de Freud) não manteve a posição do respeitável mercador de Freiberg.

A autora afirma que Jakob não foi um modelo de pai nem de provedor, além de não ter tido capacidade de se defender. A famigerada história do solidéu jogado ao chão por um cristão que passava na mesma calçada que seu pai e a resposta pacífica deste, que se limitou a pegar o objeto, trouxe ao pequeno Freud um pesar e uma decepção, pois pareceu-lhe uma atitude “anti-heroica” por parte do pai. Mais tarde diria que a criança faz “descobertas que solapam a alta opinião original que tinha sobre o pai e que apressam o desligamento de seu primeiro ideal. Descobre que o pai não é mais poderoso, sábio e rico dos seres; fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo, a avaliar o seu lugar na sociedade; e então, via de regra, faz com que ele pague pesadamente pelo desapontamento que lhe causou” (FREUD, 1914/1996, p. 249).

Para La Mothe (2002, p. 383) “Freud experenciou algum grau de insuficiência no seu relacionamento com sua mãe e então se voltou para o seu pai, com o qual experimentou outra falha na fé. A personalidade de Jacob foi implicada com esta falha e, conseqüentemente foi importante na formação da dinâmica da fé na vida de Freud.”¹

Jakob não conseguiu ser o provedor da família, sua situação financeira precária obrigou Freud e toda a família se mudarem para um local que fez Sigmund se lembrar deste tempo com tristeza. La Mothe (2002) explica que a teoria do desenvolvimento humano freudiana, assim como sua visão da experiência religiosa dá evidências de uma falha na sua relação com seu pai.

¹Freud experienced some degree of failure in relationship to his mother and he, then, turned to his father, whereby Freud experienced, in part, another failure in faith. Jakob's personality was implicated in this failure and consequently was important in shaping the dynamics of faith in Freud's life

Somando-se a todas essas peculiaridades da vida de Freud está o fato de que sua personalidade sempre forte e inteligência arguta são motores que direcionam a uma maior autonomia e liberdade, o que culmina em uma posição narcísica, uma posição porque não dizer, mais fria. Cesarotto e Souza Leite (1987) consideram haver uma tendência dos analistas de não se prestarem a aceitar situações de submissão hierárquicas, isso por terem resolvido seus conflitos transferenciais. Na situação de Freud, seu ateísmo seria resultado da resolução de seu conflito transferencial ou, pelo contrário, da intensificação deste?

A outra figura paterna que tinha, seu tio Josef Freud, foi presa por comercializar rublos falsos, o que marcou Freud em um momento de grande dificuldade da sua família. “A catástrofe foi traumática para a família. Freud não gostava de seu tio Josef, que invadia seus sonhos, e lembrou em *A Interpretação dos Sonhos* que os cabelos de seu pai, com a calamidade, encaneceram de desgosto em poucos dias” (GAY, 1989, p. 25). Assim:

Sigmund queria um pai diferente, que pudesse protegê-lo deixá-lo orgulhoso de ser seu filho. Não havia motivo de orgulho em Jakob nessa época do desenvolvimento de Freud, nem nada que o pai pudesse fazer para recuperar sua antiga imagem. (...) Sigmund estava sem proteção e consolo, emocionalmente sozinho, por sua própria conta. Ele não tinha um pai para idealizar ou “elevar” a Deus (RIZZUTO, 2001, p.234).

Tais passagens da vida de Sigmund Freud são significativas e nos contextualizam em um momento da vida do indivíduo que o próprio autor enfatiza como sendo de extrema importância para a consolidação dos rumos que tal vida irá levar. Rizzuto salienta que na adolescência Freud diria que Deus não representava nada e não era merecedor de sua atenção.

Significativa a sua exclamação, pois dita na adolescência essa frase de Freud dá força à suposição que suas concepções acerca da figura de Deus têm um caráter emocional forte.

É interessante ressaltar que Freud, até a morte, manteve-se fiel ao seu ateísmo. Rizzuto mostra que mesmo durante o período intenso de sofrimento pelo qual passou devido à doença que tinha – o câncer – aceitou tomar parte dele. “Ele não aceitava outro guia para uma compreensão dos mistérios da vida senão a ‘voz suave’ de seu intelecto auto-suficiente” (p. 240).

Creemos que esses dados são imprescindíveis para que se compreenda não só o ateísmo de Freud e suas teorias acerca da religião, mas também lança luz sobre as possíveis *e não únicas*

causas do ateísmo nos indivíduos em geral, até porque cremos, assim como o pai da psicanálise, no determinismo da vida mental, onde não existe nada de casual ou insignificante. Todos os estudos citados reafirmam sua assertiva de que o analista “antevê um motivo suficiente em toda parte onde habitualmente ninguém pensa nisso” (Freud, 1910/1996).

2.1.3 Os Cavaleiros do Apocalipse

Freud não foi o primeiro a teorizar sobre descrença religiosa. Embora na história da filosofia não tenhamos exemplos abundantes do tema, podemos citar algumas ideias afins que inevitavelmente contribuíram para a posição de Sigmund com relação à religião. A crença ou descrença não pode ser explicada apoiando-se apenas nas bases emocionais do sujeito ou seus complexos familiares. O zeitgeist de Freud, caracterizado também pelas discussões entre ciência e religião, acolheu teorias que serão, algumas, vistas agora.

Como citado no início do trabalho, Freud entrou em contato com Feuerbach, filósofo alemão nascido em Landshut na Baviera a 28 de julho de 1804, também implacável no que se refere ao religioso. Nas palavras de Hans Küng (2006 p. 14):

De Feuerbach o caminho leva não apenas à ideologia do materialismo dialético (Engels, com efeito, tomou posição contra o materialismo mecanicista não-dialético de Büchner); de Feuerbach o caminho leva também – passando justamente pela medicina de mecanicista, ou mesmo materialista – à psicanálise de Sigmund Freud.

Para ele a religião está calcada nas projeções dos conceitos dos ideais humanos em uma entidade superior. Deus é uma projeção humana, assim “pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus” (Feuerbach, 2007, p. 44). Nesta sua importante obra Feuerbach tem como objetivo mostrar que não existe oposição entre o homem e o divino e que o conteúdo e objeto da religião é eminentemente e somente humano. Há uma semelhança clara entre sua teoria e a freudiana, e mesmo que não tivéssemos prova que o segundo leu o primeiro não restaria dúvida da forte influência da filosofia de Feuerbach sobre Freud. Bom, sabemos então que aqui também a essência da religião cristã não é divina, é humana. Os dois autores trazem de volta para baixo algo que se lançou ao alto.

Também a imortalidade é uma prova de que Deus é bom e justo e que nos olha todos. A garantia de uma vida pós-morte consola o ser humano e garante uma felicidade que muitas vezes lhe é ceifada na vida terrena. “A justiça e a bondade de Deus é então dependente da

continuidade dos indivíduos. Se não sou imortal, então não creio em nenhum Deus; quem nega a imortalidade nega Deus” (Feuerbach, 2007, p.182). Há uma semelhança teórica clara entre as afirmações desta obra com ‘O Futuro de uma ilusão’ de Freud, a qual veremos posteriormente. Deus então é a “existência correspondente aos meus desejos e sentimentos: ele é o justo, o bom, aquele que realiza os meus desejos” (Idem). Freud acrescenta: ele é o pai de carne e osso de minha infância perdida, aquele a quem eu atribuí todos os predicados supracitados.

Feuerbach não fala do pai, mas da projeção dos ideais humanos na divindade, da necessidade, para alguns, desse ser para consolar e, ao invés da figura paterna, fala-nos da natureza.

Uma vez que mostrei em *A Essência do Cristianismo* que Deus considerado segundo seus atributos morais e espirituais, portanto, como um ser moral, nada mais é que a essência espiritual do homem divinizada e objetivada e que a teologia, na verdade, em seu último fundamento e em seu resultado final é apenas antropologia; agora mostro em *A Essência da Religião* que o Deus físico ou o Deus considerado apenas como a causa da natureza, das estrelas, das árvores, das pedras, dos animais e dos homens enquanto seres físicos e naturais nada mais significa que a essência divinizada e personificada da natureza (FEUERBACH, 1989, pp. 26-27).

Entendemos, por conseguinte, que a natureza é o primeiro objeto da religião e é também o objeto primitivo do que Feuerbach (1989) vai caracterizar como a base desta, qual seja, o sentimento de dependência. Explica-nos que se observarmos nossa intimidade não desvendaremos outra explicação psicológica mais completa quanto o sentimento dependência. Indo além, faz um paralelo inevitável de tal sentimento com o medo, para ele o aspecto mais popular daquele e aquilo que impulsiona inexoravelmente, mas não só, a religião. Os cristãos, segundo ele, sentem-se mais religiosos especialmente nos momentos em que sentem medo, inclusive contentando-se quando uma situação que causa medo acontece com ateus, pois assim acreditam que eles se converterão em religiosos.

Enfim, podemos também ressaltar aqui uma semelhança fundamental com Freud e especialmente o seu ‘Ilusão’, pois o medo como causa do sentimento religioso foi discutido em relação com a necessidade de se humanizar a natureza, ficando assim o homem menos desamparado ao se dar intenções ao indiferente. Humanizando-a podemos tentar apaziguá-la assim como fazemos em nossa sociedade.

Finalizando sobre Feuerbach com as palavras de Onfray (2007, p. 21):

Feuerbach o *desconstrutor* (*A Essência do Cristianismo*, 1841), terceiro grande momento do ateísmo ocidental, pilar considerável de uma ateologia digna do nome: pois Ludwig Feuerbach propõe uma explicação do que é Deus. Não nega sua existência, disseca a quimera. Não se trata de modo nenhum de dizer Deus não existe, mas sim *O que é esse Deus em que a maioria crê?* E de responder: uma ficção, uma criação dos homens, uma fabricação que obedece a leis particulares, no caso a projeção e a hipóstase – os homens criam Deus à imagem deles invertida.

“Nietzsche, Marx e Freud foram os três grandes profetas da ruptura que se realizou e anunciou o modernismo” (Birman, 2006, p. 42). Assim anuncia Joel Birman os grandes responsáveis pela inversão dos eixos da modernidade, na qual os reinos do eu e da razão são colocados em questão. O “movimento de suspeita sobre a consciência” tem nos três os personagens principais. De fato, ao se falar em modernismo, modernidade, e mesmo nos grandes nomes dos séculos XIX e XX, os três estão sempre em voga.

Atendo-nos ao primeiro (1844-1900), o anunciador da morte de Deus, no que diz respeito à religião, constatamos sua forte oposição à moral cristã e sua recorrente ferocidade dirigida à religião. Não só, mas também nos traz uma crítica da ideia de Deus e uma psicologia do tema. Diz-nos, em seu *Ecce Homo*, que a noção de Deus foi inventada “como noção-antítese da vida – tudo nocivo, venenoso, caluniador, toda a inimizade de morte à vida, tudo enfeixado em uma horrorosa unidade!” (NIETZSCHE, 1995, p. 116). Mais uma vez Deus é rebaixado a uma ‘simples’ criação do homem, criação essa que ele não enxerga como saudável. Isso porque ela traz em seu bojo uma negação da vida terrena, a única que existe. Com o conceito de Deus e seus derivados (pecado, alma imortal, além-túmulo) o caminho então é único, ou seja, é aquele que leva a uma depreciação da realidade, do corpo e dos instintos. Assim Ele é uma contradição da vida, quando na verdade é entendido pelos que nele creem como uma afirmação desta. A relação necessária entre o homem e sua criação é claramente expressa:

Uma crítica do conceito de Deus leva à mesma conclusão. – um povo que ainda crê em si tem ainda também o seu próprio deus. Nele reverencia as condições que o fizeram prevalecer, as suas virtudes – projeta seu prazer consigo, seu sentimento de poder, num ser ao qual se pode agradecer. Quem é rico quer oferecer; um povo orgulhoso precisa de um deus para sacrificar...Religião, nesses pressupostos, é uma

forma de gratidão. É-se grato por si mesmo: para isso precisa-se de um deus (NIETZSCHE, 2007, p.21).

Deus como necessidade em Freud, Feuerbach e Nietzsche. Um conceito que se cria a partir desta. Deus como projeção em Freud, Feuerbach e Nietzsche. Este não deixou de vislumbrar uma posição infantil em destaque no homem quando o que está em questão é sua sujeição à vida religiosa. Ressalta que mesmo o conceito de Deus não sendo mais importante o homem necessitará de “outro brinquedo (..) ainda criança o bastante, uma eterna criança!” (NIETZSCHE, 1992, p.60). Não é difícil perceber que as críticas voltadas à religião e aos conceitos que lhe concernem retornam a pontos comuns entre os pensadores. Isso não implica uma pobreza teórica, mas sim mostra a coesão no diálogo entre eles e também uma percepção acurada que tiveram sobre a psicologia do religioso. Indica igualmente, como é o intuito do capítulo, que não pariram as ideias do nada, mas elaboraram mediante reflexões interdependentes, por meio de influências de seus pares. Os pensamentos filosófico e científico são resultados de argumentações que sucedem outras e assim sucessivamente. Então aqui vislumbramos um pouco o ambiente em que Freud viria a se inserir. Nietzsche, ainda na obra acima, diz que o ‘pai’ em Deus está refutado, não ouve e não se comunica com clareza. Por isso o ateísmo. Não parece ser à toa que coloca a palavra pai entre aspas. Coloca-a, pois Deus como criação humana tem suas características retiradas do pai humano. Sua filosofia demonstra então que a transcendência deste existe, mas entende-a como aviltante e maléfica.

O início do século XX foi marcado pela presença marcante do outro grande profeta que a anuncia o modernismo. Karl Marx, além de expoente do movimento comunista, não só era ateu como anunciava o ateísmo como causa necessária a um novo mundo. De acordo com Delboni (2007), para Marx a anulação da religião pelo ateísmo e igualmente da propriedade privada pelo comunismo são as condições *sine qua non* para que nasça o humanismo positivo. Vemos aqui um ateísmo não apenas restrito a uma crença pessoal, mas como algo entranhado no pensamento comunista/marxista.

Fortemente influenciado por Feuerbach e em oposição a Hegel, Marx sempre manteve uma dura crítica à realidade que o circundava. Assim não escaparam Estado, sociedade, filosofia e religião. Entendendo esta última como a responsável por manter as pessoas exploradas passivas, alcunhou-a de “ópio do povo”. Ainda Delboni nos diz que para Marx a religião é uma invenção da consciência humana. Esse ateísmo não foi, entretanto, consequência do comunismo.

Marx era ateu muito antes de ser comunista. Sua atitude anticapitalista não foi pressuposto, mas confirmação. Aceitara o ateísmo da esquerda hegeliana de Berlim e de Feuerbach. Em breve, o ateísmo materialista tornou-se simples evidência. Antes de ser cientista, Marx já apostara no ateísmo (Zilles, U. *apud* Delboni, Paulo César, 2007, p. 73).

Bigo (1966) fala de um Marx que vislumbra a religião como uma evasão, uma instituição que arranca o homem não apenas de si próprio, mas da natureza e da sociedade, levando-o a um céu fictício de uma divindade também fictícia. “A ideia essencial é que a humanidade procura a evasão religiosa porque é infeliz aqui na terra. Se a sociedade produz a religião, é porque ela constitui um mundo às avessas. A luta contra a religião leva, pois, a lutar contra o mundo do qual a religião é ‘o aroma espiritual’” (Marx, Karl *apud* Bigo, P., 1966, p. 199). A cruzada contra a religião parece ter sido a tônica dos autores aqui citados. A despeito de suas próprias teorias, ela aparece como um obstáculo que precisa ser superado. A citação acima deixa claro que é preciso lutar contra ela.

“A crítica marxiana parte da crítica da alienação religiosa” (Collin, Denis, 2008, p. 28). O autor nos mostra que Marx vê o homem alienado na sua existência terrestre, o que o obriga a projetar-se em um mundo imaginário. O que o homem vê no céu é apenas um reflexo de si mesmo, como cita Duménil (2011). Tal reflexão nos leva a pensar que seu ateísmo é entendido na verdadeira acepção da palavra, na negação de Deus e consequentemente de tudo que desse conceito pode advir. Vemos aqui também mais uma vez o conceito de projeção no cerne da crença religiosa.

Karl Marx vai então além de uma crítica do movimento religioso e questiona o conceito de Deus. Afirma que este tem uma existência restrita ao nosso imaginário e não existe concretamente. Colomer, em seu “El pensamiento alemán de Kant a Heidegger” citado por Delboni, fala de dois passos na dialética de Marx. O primeiro diz que a existência dos deuses está na nossa imaginação, circunscrita ao nível do mito coletivo de um grupo humano. O segundo fala que na terra da razão este imaginário não existe. Então os deuses estão longe do campo visual da razão universal.

É interessante parar aqui lembrando que, embora tenham a mesma postura antirreligiosa e sejam sempre citados como autores das teorias recentes que revolucionaram o mundo, no que tange à premissa psicológica na qual a teoria marxista se sustenta (não a

religiosa, mas a política) Freud discorda de Marx. A teoria marxista parece não ter recebido seus comentários positivos. Assim, em “O Mal-estar na Civilização” ele afirma que para os comunistas bastaria eliminar a propriedade privada e que houvesse a partilha igualitária da riqueza entre as pessoas para que não mais existisse hostilidade entre os homens. Desencotrando-se com sua teoria da pulsão de morte, tal premissa é vista por ele como uma ilusão. Em “Por que a Guerra?” vai além criticando os comunistas dizendo que eles próprios se armam cuidadosamente reservando o ódio contra qualquer pessoa além de suas fronteiras para manter juntos os seus adeptos.

Mais um contemporâneo de Freud que, mesmo em âmbito teórico diferente, mas com uma teoria revolucionária, participa dos mesmos ideais antirreligiosos. O zeitgeist que procuramos mostrar aqui é justamente este em que os grandes nomes da história, aliados da ciência, parecem eleger a religião e Deus como os grandes inimigos do progresso humano.

Agamben pergunta em um de seus seminários o que é ser contemporâneo, aquele que realmente pertence ao seu tempo e, dentre algumas das respostas, nos diz que o contemporâneo é aquele que não coincide perfeitamente com seu tempo, que não se adéqua às suas pretensões. Indo além, nos fala que o contemporâneo mantém o olhar fixo no seu tempo para nele captar seu escuro. “O contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (Agamben, 2009, p. 64).

Os teóricos trazidos no tópico deste capítulo, somados ao último apresentado a seguir, podem ser considerados verdadeiros contemporâneos de seu tempo. Partilharam a característica de olharem para o momento em que viviam para recortar neste algo que fugia à visão de todos. Revolucionaram a forma de pensar o homem e sua psicologia assim como, no tocante à religião, deram contribuições valiosas que além de não nos serem inatuais, são verdadeiras pérolas para aqueles que não têm medo do conhecimento e suas implicações.

Por fim, cabe falarmos de um filósofo de extrema importância do século contemporâneo de Freud que teorizou sobre Deus e religião. Bertrand Russel nasceu no País de Gales em 1872. Filósofo e matemático, ele forneceu duas grandes contribuições para o nosso tema. Uma delas – “Por que não sou cristão” – no ano herege do século XX, 1927.

Russel acreditava que a religião prestou um desserviço à humanidade, pois calcada no terror, impingiu medos desnecessários à humanidade. Entendia que “a natureza em si é neutra – nem boa nem ruim, merecedora nem de admiração nem de censura. Somos nós quem criou valor, e são nossos desejos que os conferem” (RUSSEL, 2007, p.41). Saibamos que ele fala de uma natureza que as pessoas personificam como Deus. As filosofias de todos os citados neste tópico assemelham-se, e aqui verificamos uma correlação com Marx, pois Russel também acreditava que a religião baseava sua força no medo que impõe. Igualmente notamos que, como Freud, admitia que projetamos nossos desejos na transcendência.

Na apresentação do livro citado acima, “No que acredito”, Alan Ryan diz que Russel tinha uma visão de que o motor de nossas ações era o desejo e que este tinha uma proximidade grande com Freud, principalmente no que diz respeito ao fato de que acreditava que os seres humanos são impelidos à destruição. Lembremos a pulsão de morte freudiana. Para o filósofo, fala-nos Ryan, diante do vazio do universo a religião se apresenta como uma resposta covarde. Se Deus existisse deveria ser julgado por crimes contra a humanidade, pois é um criminoso.

Ao refutar o conceito de Deus, baseando-se na argumentação de que Ele existe, pois só assim existiria justiça no mundo, Russel (2011) entende que as coisas acontecem ao contrário, já que o que observamos são pessoas boas sofrendo e as más prosperando. Uma vida futura para compensar as injustiças terrenas é duvidosa, já que temos uma boa amostra aqui. Se ambas são criações de Deus, por que a probabilidade de lá ser totalmente diferente daqui? “... se há injustiça aqui, há chance de que exista injustiça em qualquer outro lugar” (Russel, 2011, p.36).

Somos levados a acreditar em Deus, pois nascemos já influenciados por nossos pais. Não somos guiados por argumentos intelectuais, afirmava. O medo, como já falado acima, é a base da religião, seja ele o da morte, do desconhecido ou da derrota. A ciência é uma das responsáveis para nos ajudar a superar esse medo. Precisamos, conclui, é de conhecimento, gentileza e coragem, não de anseios angustiosos pelo passado ou o de inibições do pensamento relativas às palavras proferidas anos atrás por pessoas ignorantes.

Russel pensava que acreditar em Deus é doloroso. Terminemos com uma fala sua:

“O mundo em que vivemos pode ser compreendido como resultado de confusões e acidentes; mas, se for resultado de um objetivo deliberado, esse objetivo deve ter sido

elaborado por alguém muito cruel. De minha parte, considero a hipótese do acidente menos dolorosa e mais plausível” (RUSSEL; 2011, p.74).

Vimos o zeitgeist de Freud e percebemos que este não foi muito propício à união entre religião e ciência. Seus contemporâneos parecem tê-la elegido como a inimiga número um do progresso, e Freud estava neste time. Creditar seu ateísmo a suas relações com os pais parece um pouco simplista e nem por isso acreditamos que apenas seu zeitgeist seja o único responsável. Para Mezan “boa parte dos argumentos freudianos contra a religião (...) são provenientes da tradição do pensamento ocidental, tanto o das Luzes quanto o do idealismo alemão e de sua crítica pelos pós-hegelianos. Freud herda do iluminismo uma abordagem em que o desmascaramento do irracional e sua redução ao racional é o objetivo da análise (MEZAN, 1985, p. 522). Procuramos mostrar apenas alguns fatores, dentre uma cadeia complexa que possam ter agido na formação de sua descrença.

2.2 Teísmo e Complexo Paterno

Este capítulo visa abordar dois textos importantes na obra freudiana sobre a religião e que sustentam a posição do autor sobre o assunto. Estes dão-nos uma visão geral da ótica de Freud sobre o fato religioso e nos mostram como o interpreta à luz do conhecimento psicanalítico, lançando mão das ideias sobre o complexo paterno, edípico e do desamparo. Sua atitude ateia está expressa na tentativa, ao longo destes trabalhos, de demonstrar a verdadeira origem da religião e o que a mantém, também a combatendo e esperando que esta um dia não seja mais necessária.

2.2.1 A culpa na origem

“Era uma vez um macho onipotente, senhor e pai de uma horda selvagem, da qual não hesitava em expulsar os seus filhos, à medida em que cresciam, para gozar sozinho de todas as mulheres do grupo. Um dia, os irmãos exilados se reuniram, assassinaram o ciumento, violento *Urvater* e o devoraram. Assim fazendo, satisfaziam seu ódio, mas também seu amor pelo pai, pois com ele se identificavam ao despedaçar e assimilar juntos o seu cadáver. Provavelmente, após um período de lutas intestinas, os irmãos compreenderam que, caso não quisessem coexistir sob o signo do terror mútuo, deviam todos renunciar ao tão almejado poder supremo do pai.: o lugar do pai devia permanecer vazio, inocupado por qualquer dos irmãos” (VIDAL; 2005, p. 15).

Esta introdução ao tópico e também do artigo de Paulo Vidal resume a ideia sobre a origem do totemismo e mais tarde da religião para Freud. Porém, voltemos um pouco antes deste quarto ensaio e talvez mais importante ensaio de *Totem e Tabu* e entendamos mais amplamente a obra. *Totem e Tabu* foi dividida em quatro partes, todas elas correlacionadas. A primeira trata do incesto e sua proibição nos povos primitivos. Mesmo que suas vidas não fossem moralmente evoluídas como as nossas, Freud acreditava que eles estabeleceram um propósito de não ter relações sexuais incestuosas entre os que participavam do mesmo totem.

O que é um totem? “Via de regra é um animal (comível e inofensivo ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (com a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã. (...) o totem é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos” (FREUD, 1913/1996, p. 22). Esta proibição é um constante motivo de indagação de Freud, principalmente porque há uma severidade em tal proibição, fazendo com que aqueles que transgridam a lei sejam punidos até mesmo com a morte. Observa ele que a tentação da transgressão é mais intensa do que em nós e justamente por isso a proibição se faz de forma tão intensa. Ainda mais curioso é o fato de que há também uma restrição quanto ao relacionamento entre genro e sogra. Freud considera que a ambivalência é uma marca psicológica dessa relação. Considera então que a proibição entre sogra e genro é também uma proibição contra o incesto. Isso porque ela substitui o lugar da mãe e irmãs do indivíduo, objetos de seu primeiro amor que foram desviados graças ao horror ao incesto. A exogamia é então o resultado inevitável de toda essa problemática discutida no primeiro ensaio.

No segundo ensaio, Freud ressalta a ambivalência do conceito ‘tabu’, algo que é ao mesmo tempo sagrado e proibido. “Assim, ‘tabu’ traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições” (Freud, 1913/1996, p. 37). Aqui o que intriga é que as pessoas não têm ideia do motivo das proibições e nem se questionam, submetendo-se a elas como se fossem naturais. Freud estabelece analogias entre os tabus e as proibições obsessivas dos neuróticos e afirma que essas proibições um dia relacionaram-se com atividades para as quais havia uma inclinação, ou seja, “a base do tabu é uma ação proibida, para cuja realização existe forte inclinação do inconsciente” (p.49). A capacidade de provocar a tentação é então base do poder mágico que se atribui ao tabu.

O terceiro ensaio do livro trata do animismo, da magia e da onipotência de pensamentos. Aqui Freud procura explicar determinados elementos que ainda hoje caracterizam o modo religioso de ver o mundo. Não só, mas elucidando esses fatos, mostra que tudo não passa de invenção humana, não aceitando que almas e poderes sobrenaturais realmente existam. Diz que os povos primitivos tinham como característica povoar o mundo com seres espirituais, quer sejam bons, quer sejam maus, ou seja, são apenas frutos da criação do homem. A partir daí os povos consideram suas criações como as causas dos fenômenos naturais e motores dos objetos inanimados. Essa primeira tentativa de explicação do universo, Freud explica como sendo consequência de uma necessidade prática de controlar o mundo. O sistema animista colabora para que o indivíduo domine os homens, animais e coisas, por meio de seus espíritos. Ele irá exercer esse domínio então por meio da feitiçaria e da magia. A lembrar que os espíritos são aqui entendidos como projeções dos impulsos emocionais do homem, que os enfrenta fora de si próprio. Outro elemento que aqui desaba. Fica clara sua posição de que não existem almas fora do corpo. Tudo não passa de projeção e conseqüentemente nada há além do que nós mesmos criamos. Ainda não chegou a Deus, mas pouco a pouco tudo o que ao sobrenatural pertence Freud nega e mostra que a essência é somente humana.

“Freud entende que o pensamento animista e mágico está na origem de todas as concepções religiosas posteriores e obedece ao mecanismo que um dos seus doentes designou como poder soberano das ideias” (Robert, 1963, p. 311). O que nos é explicado é que a prática da magia teve como mola propulsora o desejo humano e que o homem tinha (e mesmo hoje tem, inclusive nos neuróticos obsessivos) uma convicção no poder de seus desejos. Então houve uma supervalorização do pensamento, ou seja, tudo que é feito às ideias das coisas acontece com as próprias coisas. É este princípio que irá dirigir a magia e a modalidade animista de pensamento. O combate às cosmovisões não científicas está implícito quando Freud compara as formas de entender o mundo com o desenvolvimento libidinal do indivíduo, correspondendo a fase animista ao narcisismo, a religiosa à fase de escolha do objeto, caracterizada pela ligação da criança com os pais, e concluindo que a fase científica “encontraria uma contrapartida exata na fase em que o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao princípio de prazer, ajusta-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seus desejos” (FREUD, 1911/1996, p.100).

Enfim chegamos ao quarto ensaio, à história inicial e principal: o assassinato do pai. Aqui se dá o início da religião. Freud começa o ensaio descrevendo, a partir de outros autores,

a religião totêmica. Temos então, dentre diversos aspectos, alguns como o fato de o animal totêmico proteger os membros do clã, guiá-los e prever seus futuros, bem como os membros do clã chamarem-se pelo nome do seu totem. Este não poderá ser comido e usado e nem mesmo tocado. Espera-se então que o totem os proteja. Percorremos então por tentativas de explicar a origem do totemismo, e Freud nos mostra diversas teorias, ao final das quais não temos uma resposta definitiva. “Freud não se atrapalha, porém, e o seu fim é, não propor uma nova teoria, mas esclarecer os dados psicológicos do fenômeno, baseado para tanto na experiência clínica do analista” (ROBERT, 1963, p.313).

Nas explanações sobre a origem da exogamia e sua relação com o totemismo, também nos deparamos com diversas teorias, mas podemos nos ater na darwiniana, que se relaciona com a ideia de Freud sobre o início da religião. Nesta suposição Darwin afirma que os primitivos moravam em comunidades e que os homens viviam com tantas mulheres quanto queriam, guardando-as e protegendo-as de outros. Quando o macho novo cresce dentro da comunidade vai disputar a (s) mulher (es) e será expulso. Encontrando outra companheira, esse exilado também a protegerá de outrem. Com o passar do tempo o fato se tornaria lei e seria proibida a relação sexual entre pessoas do mesmo lar e posteriormente do mesmo totem.

Então Freud explica o totem como sendo um substituto do pai.

“A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai e isto entra em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma ocasião festiva – com o fato de que ele é morto e, entretanto, pranteado. A atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta frequência persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai” (Freud, 1913/1996, p.145).

Esta ocasião festiva, a refeição totêmica, relaciona-se justamente com nossa história inicial da morte do pai e da conseqüente fundação da religião. Isso porque os irmãos um dia se reuniram, não só realizaram o assassinato, mas devoraram-no e, como este era temido, mas também invejado, realizaram a identificação com ele. Conclui Freud que a refeição totêmica seria uma repetição e comemoração deste crime fundador da religião e também da organização social.

Fundador da religião? Sim, pois após o assassinato do pai, a ambivalência se tornou mais presente do que nunca, fazendo emergir nos filhos assassinos não só a visão do pai

interdito, mas também daquele amado e invejado. Surge daí um sentimento de culpa, fazendo com que anulassem esta ação proibindo a morte do totem, seu substituto. Surgem também os tabus do incesto e parricídio.

Este ato foi passado para gerações futuras, já que “nenhuma geração pode ocultar, à geração que a sucede, nada de seus processos mentais mais importantes” (p.160) e o lugar deixado pelo pai foi substituído pelo totem e mais tarde por Deus.

(...) Freud acredita ter encontrado, a partir da psicanálise, a compreensão para a origem do monoteísmo. A culpa, gerada pelo assassinato do grande líder, levará seus algozes a retomarem sua crença, na esperança de manter simbolicamente vivo aquele que mataram. Daí porque, segundo Freud, a força do monoteísmo judaico permanece até os dias atuais” (Maciel; Rocha, 2008, p.749).

Este crime originário que organizou a sociedade no que tange às leis e exogamia é também, por fim, o fundador da religião, que nada mais fez que ir se aperfeiçoando com o passar os tempos. Parece claro que Freud, com tal explicação, refuta a existência de Deus ao mostrá-lo como apenas um substituto daquele pai amado, invejado e odiado.

2.2.2 A base no desamparo

“Os caminhos do destino realmente são difíceis de compreender. Se não houver recompensa depois da vida, então o mundo é apenas uma brincadeira cruel”. O lamento de Sherlock Holmes ao seu companheiro Watson após mais um desfecho de um triste caso não só é proveniente do estado de desamparo que nos assola frente ao trágico e a consciência do vazio e indiferença do universo, como também do desamparo constitucional do ser humano. O mundo destituído de uma inteligência que nos governe não passa então de uma brincadeira cruel, um sem sentido que para muitos é difícil suportar.

É em 1927 que Freud publica seu texto mais famoso dentre os lançados sobre o tema da religião. Embora sempre mencionado, grande parte de ‘O Futuro de uma Ilusão’ não diz respeito “diretamente à psicanálise, limitando-se o único argumento contra a religião inspirado por ela à necessidade de derivar a religião da desproteção infantil” (MEZAN, 1985, p.515).

Nele, o pai da psicanálise dirá que a religião é uma criação da civilização, e ainda sublinha que é a criação mais importante do psiquismo desta. Construimos a civilização para

que a vida em sociedade seja possível, e ela tem como missão nos defender da natureza. Entretanto, os elementos furiosos da natureza desconhecem e são indiferentes às edificações materiais e morais da humanidade. Esses elementos são golpes importantes que devolvem o desamparo do qual o ser humano aparentemente tinha escapado com o advento da cultura.

Freud diz que é difícil suportar a vida, pois além da privação imposta pela civilização, há os sofrimentos que os homens infligem uns aos outros e há também os danos que a natureza impõe. Com relação à civilização, somos resistentes e hostis, mas e com a natureza, essa força que escapa do controle? É preciso despir o universo de seus terrores, e isso se dá com a humanização da natureza. Assim:

(...) se nos elementos se enfurecem paixões da mesma forma que em nossas próprias almas, se a própria morte não for algo espontâneo, mas o ato violento de uma Vontade maligna, se tudo na natureza forem Seres à nossa volta, do mesmo tipo que conhecemos em nossa própria sociedade, então poderemos respirar livremente, sentir-nos em casa no sobrenatural (...). talvez ainda nos achemos indefesos, mas não mais desamparadamente paralisados; pelo menos, podemos reagir (FREUD, 1927/1996, p. 25).

Tchekhov, com graça, coloca na boca de um de seus personagens a maneira que sentimos frente a fúria do destino. Na peça “O Jardim das Cerejeiras” Epikodov toma a palavra e diz:

Falando sem evasões, isto é, sem me deixar fugir o essencial do que pretendo exprimir, sinto-me obrigado a um protesto, uma queixa, contra a maneira cruel com que o destino me trata, como um furacão brincando impiedoso com um pequeno barco.²

Com a humanização estabelecida podemos agir agora como agimos com nossos iguais, apaziguando-os e/ou subornando-os e assim tirando um pouco de seu poder. Aprendemos quando crianças que a maneira de influenciarmos as pessoas à nossa volta é relacionando-nos com elas. Posteriormente agiremos assim com o mesmo objetivo. A personificação do que se deseja compreender é a dominação psíquica, com o fim de controlar - a dominação física. A visão de Freud é de que nada há na essência da natureza de sobrenatural. Ela nos é indiferente e é justamente frente a essa constatação que criamos seres à nossa volta, incluindo Deus. O ateísmo de Freud é mais bem expresso com este texto.

² Tchekhov, Anton. O Jardim das Cerejeiras; seguido de Tio Vânia. L&PM Pocket, p. 37.

Entra em cena então o argumento psicanalítico do texto e a problemática do pai. Para Freud essa situação não é novidade, pois já estivemos em um estado de semelhante de desamparo. Quando crianças tínhamos nossos pais (Freud realça o pai), mas também tínhamos neles nossa fonte de proteção. A partir desse protótipo infantil foi simples assemelhar as situações. O homem empresta então, à natureza, o caráter e um pai. Este pai tem como missão exorcizar os terrores da natureza, reconciliar o ser humano com seu destino inevitável, a morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que a civilização lhe impôs. Para essa terceira missão cria-se inclusive um lugar onde possa se dar: a vida no pós-morte. Tudo não passa de elaborações de nosso psiquismo. Deus é uma projeção do nosso pai, não algo que existe independente da nossa mente. A ela está intrinsecamente ligado, posto que seja sua criação.

O passar do tempo traz consigo uma modificação na ênfase das funções. Isso porque se foi notando que os fenômenos da natureza são automáticos, o que se conclui que eles são independentes, pois que regidos por leis internas que passam ao largo de intenções divinas. O resultado é um realce da terceira missão. Mezan (1985) explica que a moral passa a ser o principal domínio dos deuses. Que à divindade cabe compensar os defeitos e danos que a civilização impinge, prevenir os sofrimentos causados pelos próprios homens e cuidar para que se cumpra os preceitos culturais, muitas vezes transgredidos. Ante a visão da ausência desse pai, Antônio Pinto de Medeiros questiona em sua poesia “E se nada acontecer”:

E se nada acontecer?

Se os rostos deformados e os sentidos mendigos, os olhos famintos e as mãos que interrogam, a carne que sangra e afoga os desejos;

se tudo isso se transformar em cinza e ausência e a dúvida acenar ainda?

E se o silêncio pesar sobre o grito de angústia, se a esfinge recolher seu sorriso

transfigurado, se todos os sonhos forem abortados... e se nada acontecer? E se tudo isso não tiver a menor importância?

Essas dúvidas são insuportáveis e a civilização tratou de criar então os mecanismos que impedem a constatação da indiferença da natureza. Como Freud bem diz, as ideias religiosas são fornecidas prontas ao indivíduo, são heranças de gerações passadas e que o sujeito assume para si para continuar o trabalho de passá-las para gerações vindouras. Apresentadas como revelações divinas, essas ideias não trazem consigo seu próprio desenvolvimento histórico e suas diferenças em épocas e culturas diferentes.

Isso horroriza a ciência como um todo e a psicanálise em particular. Lopes (2008) lembra que a psicanálise baseia-se na ideia de que cada um sabe o que é melhor para si mesmo. Ela desnuda a verdade que cada um tem dentro de si, mas essa verdade é única do sujeito. Infelizmente para a maioria das pessoas há ideias exteriores que são assimiladas como suas, impedindo o parto de sua própria verdade. Continua dizendo que a psicanálise está do lado oposto ao do discurso religioso, pois nela não há verdade externa, absoluta e atemporal. Seus livros não são sagrados nem frutos de revelações, são resultados de reflexões não dogmáticas. Considera então uma violência a tentativa de encaixar alguém numa verdade externa.

Parte da *Weltanschauung* científica, a psicanálise compartilha da noção de que não existe “outra fonte e conhecimento do universo além da elaboração intelectual de observações cuidadosamente escolhidas (...) e, a par disso, que não existe nenhuma forma de conhecimento derivada da revelação, da intuição ou da adivinhação (FREUD, 1933/1996, p. 156).

Enfim, classifica a religião como uma ilusão, o que não necessariamente significa um erro, mas sim em uma afirmação que não leva em conta a realidade, sendo indiferente a esta. A ilusão está edificada sobre os desejos. “O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos (FREUD, 1927/1996, p.29). A força que as produz e mantém é a que vem dos desejos mais antigos da humanidade, quais sejam, os desejos relativos à efetivação da justiça, um pai que aplaque nossos temores ante os perigos da vida e nos dê felicidade e sentido para a vida. Freud crê em uma educação laica, acreditando que assim será possível que as pessoas deixem de acreditar em contos de fadas. Entende que desse modo poderemos passar sem a consolação religiosa e sair do infantilismo que a religião nos impõe. Eminentemente ateu este trabalho talvez seja o mais agressivo à religião. Andrade (2009) lembra que Freud, um dia dirigindo-se a Breuer diz que chega um momento em que temos de nos abdicar do pai e nos colocar de pé sobre nossos próprios pés.

Toda a argumentação freudiana encontrada nos textos explicados acima procura ser uma fundamentação psicológica de seu ateísmo. Mesmo não comprovando a inexistência de Deus, a partir sua invenção – a psicanálise – visa mostrar que este não passa de mais um elemento do inventário de nosso psiquismo.

2.3 Ateísmo, Pai e Complexo Paterno

Vimos acima que a argumentação contra a validade do pensamento religioso está embasada na ideia de que esta se forma e se sustenta sobre a ideia de um complexo paterno e da eterna necessidade da figura de um pai. Sobre complexo paterno entende-se a relação ambivalente com este. Ele está diretamente ligado ao complexo de Édipo, já que pode ser considerado uma de suas dimensões. Com *Totem e Tabu* Freud mostra que a base do pensamento religioso está na nostalgia do pai. Ao traçar a discutível hipótese da gênese da religião, procura mostrar a sua ‘verdade histórica’. Esperamos que até aqui tenha ficado claro que o pai de carne e osso é essencial para se compreender a origem do sentimento religioso. Não só, mas aí também incide a problemática da descrença. Quando Freud diz para abdicarmos de nosso pai e andarmos por nossa própria conta, fala-nos de uma libertação de sua autoridade e também de não precisarmos mais de seu consolo. Vejamos de maneira *en passant* como é vista esta figura central para o entendimento da crença e da descrença em alguns textos freudianos.

2.3.1 A figura paterna na psicologia freudiana da religião

De todas as imagens de uma infância, nenhuma é mais importante para um jovem ou um homem que a do pai.
Freud

Nas análises empreendidas por Freud acerca da crença em Deus o autor traz para o mundo terreno o Ser que, segundo ele, foi projetado na transcendência e nas forças outrora indiferentes da natureza. O pai da psicanálise, responsável por mais um golpe no narcisismo da humanidade e em seu confronto direto com a religião mostra que Deus nada mais é do que a figura paterna transfigurada.

Temos em Freud um Deus nascido em consequência da problemática edipiana. “Aos olhos de Freud, esta só faz atualizar o conflito com o pai, elevado agora à categoria de Deus; conflito no qual a ambivalência afetiva (...) prossegue desempenhando um papel fundamental” (MORANO, 2003, p.38).

Vimos que é em *Totem e Tabu* que se desenvolve tal ideia, e onde Deus é identificado como o pai exaltado, glorificado em consequência deste complexo paterno. Então o autor vislumbra um acontecimento em que os filhos assassinam e devoram o pai para tomar o lugar deste. Com a emergência do sentimento de culpa, advindo do amor e admiração que coexistiam lado a lado com o primeiro, o pai morto volta sob a figura do deus animal e depois

de Deus, sempre carregada de ambivalência afetiva. Assim sendo, “Deus Pai já uma vez caminhou sobre a terra em forma corporal e exerceu a sua soberania como chefe tribal da horda humana primeva, até que os seus filhos se uniram para matá-lo” (FREUD, 1919/1996, p. 282).

No texto de 1910 sobre Leonardo da Vinci, Freud caracteriza-o como sendo igualmente uma exaltação do pai e uma sublimação deste, uma lembrança das ideias infantis sobre ele. No texto ele mostra que a relação de Da Vinci com Deus estava intrinsecamente relacionada com a que teve com seu pai na primeira infância e posteriormente a ela.

Em 1933, na conferência XXXV “A Questão de uma Weltanschauung”, o que vemos é que Deus realmente é o pai, do mesmo modo como era para o infante. Aqui o homem religioso é visto como criando a origem do universo a partir da sua própria origem, portanto tudo foi criado por um *homem* que em todos os seus aspectos é supremo. Freud enfatiza o fato de que mesmo com a existência de deidades femininas, é a partir da figura de um ser masculino que se pensa no criador. Então conclui dizendo que Deus, chamado de pai, é realmente o pai “com toda a magnificência em que, durante determinada época, ele aparecia para a criancinha” (FREUD, 1933/1996, p. 159). Então aquele pai que cuidou e protegeu a criança durante sua infância, quando se via desamparada frente ao mundo retorna agora, no momento em que o adulto percebe que seu desamparo continua ante sua confrontação com este. A saber que chegou um momento em que a criança percebeu que seu pai não era o super-herói que cria, mas a crença em Deus que se faz presente utiliza-se justamente da figura paterna supervalorizada. Essa imagem é divinizada e sua força afetiva, somada á necessidade de proteção do indivíduo serão pilares para a crença em Deus.

Os casos clínicos de Freud não passaram ilesos da vinculação do pai com Deus. Três dos seus principais estudos clínicos apontam para o fato. Em ‘História de uma Neurose Infantil’ de 1918, Freud mostra que o ‘homem dos lobos’ rebelou-se contra a doutrina religiosa e que essa rebelião estava estreitamente relacionada com seu pai. O paciente, sentindo a ambivalência do seu relacionamento com sua figura paterna e também ciente do afrouxamento nessa sua relação, começou a opor-se primeiramente à religião e posteriormente a Deus. Isso porque não concordava as histórias que lhe contavam em que Deus sacrifica seu próprio filho e não aceitava este como substituto de seu velho pai. Então o Deus imposto pela religião não estava a altura de seu verdadeiro pai “que lhe amara e que desejava não lhe fosse roubado. O amor por esse pai deu-lhe agudeza crítica. Resistia a Deus com a finalidade de

conseguir agarrar-se ao pai; e, ao agir assim, estava na verdade defendendo o velho pai contra o novo. Estava diante da parte penosa do processo de desligar-se do pai”. (FREUD, 1918/1996, p. 75). Interessante ressaltar que o ódio a Deus não era algo original, mas sim um impulso equivalente a outro existente a esse mesmo velho pai anteriormente.

Aqui podemos compreender as bases do ateísmo. Quando vinculamos o complexo paterno à religião e mostramos que a ambivalência característica da relação paterno-filial está vinculada à concepção de Deus, não excluimos o reverso. Ao contrário, no outro lado da moeda vislumbramos que também o desligamento do pai pode ser o resultado de tal complexo.

Em 1909, nas “Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva”, também nos é apresentado a ambivalência afetiva que marcou a vida do ‘homem dos ratos’. Tal ambivalência referia-se ao pai e a Deus.

Já em 1911, em “Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides)”, Schreber diviniza seu pai por meio de delírios para obter uma saída do seu complexo paterno. A causa que ativa seu transtorno é uma manifestação homossexual para com seu pai. Como esta manifestação foi reprimida, seus delírios que consistiam em uma fecundação do paciente feita diretamente por Deus satisfazem seu impulso homossexual. Segundo Freud, os conflitos travados entre Schreber e Deus eram explicados como um conflito infantil do primeiro com seu pai amado. Assim os pormenores desse conflito foram determinantes para o conteúdo de seus delírios.

Se para o senso comum, em Freud tudo é a mãe, aqui claro está que a tudo é o pai. Para finalizarmos não deixemos de citar o interessante estudo “Uma Neurose Demoníaca do Século XVII” de 1923. Neste, Freud diz ser o Demônio, assim como Deus, um substituto paterno. Isso porque em decorrência da existência de conjuntos distintos de impulsos dirigidos pelo filho ao pai – afetuosos e hostis – os segundos ganham sua expressão na figura do diabo. Porém, falando sobre Deus, Freud deixa claro que este é “um substituto paterno, (...) um pai exaltado, ou, ainda, (...) constitui a cópia de um pai tal como este é visto e experimentado na infância – pelos indivíduos em sua própria infância, e pela humanidade em sua pré-história, como pai da horda primitiva e primeva (FREUD, 1923/1996, p.101).A formação do conceito de Deus passa pela imagem daquele pai forte que a criança enxergava combinada com resquícios de memória do pai primevo.

A exposição acima evidenciou uma ausência curiosa na teoria de Freud, a saber, a da mãe. Rizzuto (2001) diz que seus casos femininos não foram base para suas ideias e teorias acerca da religião ou da crença em Deus. Igualmente, não teorizou sobre a formação da representação de Deus em meninas, muito menos concedeu à mãe um papel na formação da representação de Deus.

Não só há uma lacuna do papel da mãe na formação do conceito de Deus, como também do feminino em geral.

A análise da interpretação freudiana da religião tornou evidente o grande esquecimento cometido por Freud ao colocar à margem o elemento feminino e materno na gênese da religiosidade (MORANO, 2003, p.119).

Mais adiante:

É um fato comprovado pelas pesquisas psicológicas que uma experiência religiosa, particularmente nessa vertente mística, dificilmente poderia amadurecer sem que tivesse ocorrido essa primeira experiência de felicidade vivenciada na fusão primitiva com a mãe (MORANO, 2003, p.121).

A experiência da qual o autor fala é a primeira que o bebê tem com a mãe, caracterizada por uma fusão com esta, que é um objeto polarizador do desejo infantil. A simbiose aqui encontrada será então procurada ao seu término, pois que nunca abandonada intencionalmente.

Constatamos, portanto, que em seus estudos sobre a religião, a figura do pai pode aparecer com adjetivos diferentes (exaltado, sublimado, substituto etc.), mas que nos levam a conclusões idênticas e que sintetizam a ideia do início do capítulo de Deus como a figura paterna modificada. Igualmente, quer Deus seja visto como fruto do desamparo infantil, quer do complexo paterno, as hipóteses estão longe de serem contraditórias, mas sim complementares.

Inegável a importância dessas ideias para a busca de uma nova compreensão da religião e conseqüentemente para a quebra da episteme da época, entendida, a partir de Michel Foucault citado por Onfray (2007) como um dispositivo invisível, mas eficaz de discurso, de cosmovisão e representação da realidade que cristaliza e imobiliza uma época em representações imóveis. As ideias freudianas sobre a vinculação do pai com Deus, mesmo não

sendo originais, da forma como sistematizadas podem ser consideradas como exclusivas e primeiras. As linhas acima buscaram um breve olhar sobre a trajetória do conceito-chave para a compreensão da religião para que se possa também introduzi-lo no tema do ateísmo, onde ele terá a mesma importância.

2.3.2 Ateísmo e complexo paterno

*Ser pai é dominar a arte de ser desnecessário
(Desconhecido)*

Um estudo sério é cômico de que a análise que faz do fenômeno em questão é uma colaboração a uma parte do todo. O trabalho que afirma a compreensão total de um evento complexo incorre em desonestidade. Não obstante esta obviedade ressalta-se que o fenômeno do ateísmo não pode ser visto apenas pelo prisma da psicanálise e/ou do complexo paterno. Faz-se aqui um recorte e procura-se lançar luz sobre assunto tão rico.

Até aqui procuramos atender ao objetivo de estudar textos freudianos sobre religião e para isso analisamos dois que estão diretamente relacionados com sua vinculação à figura paterna. Também procuramos analisar o que ele doutrinou sobre esta figura e a divina. Isso porque partiremos dessa vinculação para compreendermos agora não o crente, mas o descrente. Os textos acima estudados são uma tentativa de Freud de transformar, como diz Zilboorg (1969) citando Jones, uma metafísica em metapsicologia. Segundo este mesmo autor Freud utiliza as premissas de sua ciência para justificar seu próprio ateísmo. Até mesmo as raízes históricas da religião foram estudadas justamente para refutá-la.

Normalmente ouvem-se indivíduos dizerem quem não acreditam em uma figura humana nos céus a nos olhar e controlar nossos destinos, mas que creem em uma força, energia, e até mesmo dizem que Deus está nas folhas, no ar etc. A natureza seria a manifestação divina. Sponville (2007, p.84), falando de seu ateísmo, argutamente refuta esse argumento ao dizer que “crer em Deus não é crer numa energia; é crer numa vontade ou num amor! Não é crer em qualquer coisa, é crer em alguém! E é nessa vontade, nesse amor, nesse Alguém (...) que, quanto a mim, não creio”. Senão:

*Mas se Deus é as árvores e as flores
e os montes e o luar e o sol,
para que lhe chamo eu Deus?*

*Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;*³

Continuemos com Sponville (2007, p. 70) na definição de Deus: (...) um ser eterno, espiritual e transcendente (ao mesmo tempo exterior e superior à natureza), que teria criado consciente e voluntariamente o universo. (...) É o ser supremo, criador e incriado (ele é causa de si), infinitamente bom e justo, de que tudo depende e que não depende de nada. É o absoluto em ato e em pessoa.

A negação do ateu é da existência do pai transcendente que a todos cuida. Por trás da crença em todas as coisas da natureza que representariam Deus esconde uma intenção, uma vontade, caso contrário não se fala de Deus. Como podemos vislumbrá-lo à luz da psicanálise? Freud exalta o incrédulo como um sujeito que se libertou da autoridade paterna. Em seu texto sobre Leonardo da Vinci, ressalta que “diariamente podemos observar jovens que abandonam suas crenças religiosas logo que a autoridade paterna se desmorona” (FREUD, 1910/1996, p.129). O ateu, portanto, também está à mercê desse complexo parental, mas responde a ele de forma diferente.

Verificou-se então que a proposição freudiana traz em seu bojo uma oposição no que tange à maturidade do indivíduo crente e do descrente. O primeiro é entendido como situado em uma posição infantil, carente de proteção e necessitado de consolo. A segunda visão é a do sujeito que superou tais necessidades, mais realista e conseqüentemente postado em uma maturidade adulta.

Entretanto, há que se considerar que a equação *religioso = infantil X irreligioso = adulto* pode levar a considerações que não condizem com a complexidade do problema. É certo que ao indivíduo descrente reserva-se uma dureza maior da realidade e um enfrentamento solitário, realista e, nesse sentido, adulto. Do outro lado, ao se apoiar em um ser superior, ao se criar ilusões para o embate com o exterior, o sujeito repete uma situação já vivida, qual seja, a da infância. O que não se pode depreender daí é que há uma oposição entre saúde e patologia, psicanaliticamente falando.

O ateísmo de Freud, por exemplo, foi corrosivo e negativo. Seus escritos são fortes e carregados de afeto. Libório (2008) lembra que Paul Roazen diz que o ateísmo de Freud pode

³PESSOA, Fernando. *Mensagem e outros poemas*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ser devido a algum anseio no nível inconsciente daquilo que rejeitava. Conjecturas, apenas. Todavia “difícilmente se escapa da impressão de que Freud, longe de ser ‘ateu natural’, evidenciava, na realidade, uma perturbação íntima referente ao problema todo das práticas e da fé religiosa” (ZILBOORG, 1969, p.220). Pretendemos mostrar que o complexo paterno, que também ajuda a compreender o ateu, igualmente matiza este com a ambivalência afetiva. Algo que não se aproxima daquela visão de naturalidade saudável do descrente.

Freud constantemente dizia que detalhes revelavam processos mentais inconscientes. Assim, a própria psicanálise nos orienta na reflexão de que há algo mais que a simples racionalidade no confronto com Deus. Muitas vezes o ataque a Ele é justamente marcado por raiva e desprezo, ou seja, motivos de ordem emocional andam lado a lado com a posição intelectual do sujeito.

As críticas feitas a um mundo muitas vezes cruel e injusto e a conseqüente negação de um pai amoroso que o criou esconde a revolta com o pai que deveria cuidar e amar, mas que não protege.

“Parece não ser verdade que existe um Poder no universo que vela pelo bem-estar dos indivíduos com desvelo parental e conduz todas as coisas a um desfecho feliz. (...) No mais das vezes o homem ardiloso, violento, implacável agarra as coisas boas que o mundo cobiça, e o homem piedoso fica de mãos vazias. Poderes obscuros, insensíveis cruéis determinam o destino do homem; o sistema de recompensas e punições que a religião atribui ao governo do universo parece não existir” (FREUD, 1933/1996, p. 163).

Jean Meslier, padre ateu (1664-1729) caracterizado por sua revolta diante de Deus, igualmente ressalta a existência do mal e das injustiças como provas da inexistência Dele. Piva (2006, p.193) em seu estudo sobre o padre: “Seu lamento maior é pelo fato de homens maus morrerem sem jamais serem punidos e muitos homens bons jamais serem agraciados pelas suas virtudes, o que denota ‘que não há ser todo-poderoso, infinitamente bom e infinitamente sábio para bem fazer e bem reger todas as coisas e para impedir o mal’”.

Sponville segue a mesma linha quando afirma o mal existente no mundo é excessivo e atroz, incompatível portanto com a existência e onipotência de Deus.

Indignação também foi o fator responsável, segundo Freud, para o ateísmo de um médico americano, no trabalho “Uma experiência Religiosa”. Ao ver uma senhora (identificada inconscientemente como a mãe) indo para a sala de dissecação, o médico

indignou-se contra Deus. Para Freud, isso foi “indignação contra o pai, que faz ‘maus tratos’ conta a mãe nas relações sexuais. Suas ideias de ‘pai’ e ‘Deus’ ainda não se tinham separado inteiramente, de modo que seu desejo de destruir o pai podia tornar-se consciente como dúvida a respeito da existência de Deus e procurar-se justificar-se aos olhos da razão como indignação com o mau trato dado a um objeto materno (FREUD, 1928/1996, p.177).

Aqui chegamos ao ponto da questão que tratamos. Embora não encontremos em Freud um desenvolvimento mais elaborado desta ideia, notamos que estamos indo de encontro com sua visão do problema. Argumentos racionais contra Deus podem esconder motivações emocionais inconscientes que dizem respeito ao relacionamento pai e filho. Evidentemente que tais hipóteses não invalidam os argumentos ateus, não desqualificam as ideias trazidas contra Deus e a religião. Do mesmo modo que não cabe à psicanálise – e ela não tem a pretensão – aferir a existência de Deus, para o reverso da medalha vale a mesma coisa. Cabe sim à psicanálise desnudar processos emocionais que se encontram por trás do desenvolvimento das ideias acerca da existência ou não de Deus.

Um pouco mais. Podemos pensar o ateísmo também como uma negação da autoridade que o pai de carne osso exerce e da castração que impõe. Assim não necessariamente, como Freud diz, o ateu é aquele que assim se faz apenas após a sua libertação da autoridade paterna, mas podemos pensá-lo também como aquele que, impossibilitado psiquicamente de se desvencilhar de tal amarra, projeta sua revolta na transcendência. Assim as duas vias – a libertação alcançada ou a prisão ainda vigente – pode levar o indivíduo a tornar-se um descrente.

Ora, a lei imposta pelo pai na primeira infância retorna de forma diferente pelo outro pai na idade adulta, a saber, as restrições que as religiões em nome de Deus imprimem na sociedade. Yves Congar *apud* Mattos (2009) resume algumas objeções feitas a ela e que vão de encontro à rejeição de tal castração. Dentre elas a acusação de que a religião menospreza e proíbe o prazer carnal, a sexualidade e conseqüentemente a criatividade, a alegria de viver. Também que ela leva ao obscurantismo e à ignorância, o que enfraquece a capacidade dos homens de poderem *assumir e lutar por seu destino*.

Já citamos Nietzsche afirmando que a ideia de Deus foi criada contrária à vida, acreditando que ela é nociva envenena. É hostil à vida. Sua escrita sempre enérgica aqui revela uma negação de um Pai que envenena a vida, que impede sua fruição, enfim que a castra com sua lei e proibição.

O ateu, portanto, não aceitando a lei paterna imposta, revolta-se contra ela e também contra quem a impôs. No segundo caso, os argumentos sobre a maldade do mundo são exemplos.

O fato de não aceitar a lei imposta é claro quando se verifica que a ética que norteia o ateu é laica. Apesar de ser uma consequência natural, racional e necessária da evolução da humanidade, podemos examiná-la como resultado de tal rebelião. O descrente norteia-se por uma ética que não foi dada pelo Pai, mas criada por ele próprio pelos meios da filosofia, ciência, enfim, da argumentação e não da mera submissão. Pensar o ateu psicanaliticamente passa por pensá-lo como alguém que, como na fala de Freud acima, não separou as ideias de ‘pai’ e ‘Deus’. Assim, crente e ateu podem ser compreendidos na mesma esfera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Uma vida para o nosso tempo”. O título da biografia de Freud, escrita por Peter Gay, cabe bem à sua figura. Foram mais de oitenta anos de vida intensos dos quais pelo menos cinquenta foram dedicados fielmente à sua ciência: a psicanálise. Sua postura científica e iluminista se expressa indisfarçadamente em sua obra, principalmente naqueles textos que se referem ao religioso.

A postura antirreligiosa de Freud não se deveu unicamente a fatores emocionais. Entretanto estes estão presentes e ajudam na compreensão de seu ateísmo e conseqüentemente de seus trabalhos sobre o tema. Vimos que seu relacionamento com a figura materna pode ter contribuído para uma formação de condições psíquicas que, ao invés de levá-lo a uma boa representação de Deus, agiu em contrário. Entendamos aqui como figura materna não apenas a sua mãe, mas também sua ama, a primeira mulher a cuidá-lo. A primeira legou a ele um amor narcisista e possessivo e a segunda ‘traiu’ sua confiança ao ser presa e abandoná-lo. No lado oposto, ao vermos seu pai, percebemos que o herói decepcionou-o, fazendo que o pequeno Sigi experimentasse uma falha em sua fé. Ciente que estamos da importância que Freud dá à experiência primeira com o pai na representação de Deus, consideramos que sua relação com seu genitor também pode ter sido decisiva para sua irreligiosidade.

Não obstante os fatores emocionais supracitados, não se deve ignorar que seu diálogo com a religião deu-se em um determinado momento. Filho do iluminismo como era, Freud desde cedo estudava os ilustrados que, entusiastas do pensamento científico, vinham na religião um entrave ao progresso e uma inimiga. Com estilo combatente, difícil seria que não tomasse parte no embate e não colaborasse com sua ciência para explicar e desmitificar toda a elaboração do pensamento religioso.

Com isso vimos o olhar psicanalítico que Freud deu à religião, analisando dois textos seus nos quais vincula a figura do onipotente ao pai da infância de todos nós. Embora sua ideia não seja totalmente original, o é quanto à sua totalidade. Primeiro vimos que a fundação da religião foi consequência de um parricídio, depois que o desamparo e necessidade de proteção faz com que o sujeito projete na divindade seu pai de carne e osso. À natureza é dado o caráter de um pai.

Procedemos dessa forma, analisando os dois textos, para adentrarmos em um assunto que, explícito na personalidade de Freud, por ele praticamente não foi desenvolvido: o ateísmo. O complexo paterno – que diz respeito à relação ambivalente da criança com seu pai – não só é base para a compreensão do homem religioso, como também do ateu. Pelo menos por este trabalho e seguindo Freud concluímos que o ateu pode ser entendido como alguém que se libertou da autoridade do pai. Se Deus e o pai são a mesma pessoa, aquele que não mais está sob o julgo do seu genitor poderá não sentir necessidade de se apoiar em outro, mais tarde. Porém, algo diverso pode resultar daí.

Todavia, quando se trata de comportamento e motivações humanas, enfim, quando falamos do ser humano, a forma de cartilha é inaceitável. A mesma causa pode levar a resultados diferentes. Com isso levantamos a hipótese de que o ateu, embora possa realmente ser mais adulto do que religioso, não escapa ao relacionamento ambivalente com o pai-Deus. Isso porque ao contrário de ter se desvencilhado das amarras da autoridade paterna, pode também ser entendido como ainda nelas e com isso revoltado contra a divindade. Sua revolta contra Deus então é na verdade uma revolta contra seu pai.

O trabalho se propôs a analisar as ideias de Freud sobre a religião para, a partir daí, aplicar o mesmo conceito que utilizou nas primeiras, para explicar o ateísmo. Orientamo-nos pela sua própria descrença para compreender suas ideias e procuramos, por meio da pouca bibliografia existente, falar sobre o que o pai da psicanálise praticamente não disse. Não só, mas também levantar hipóteses que doravante poderão servir para o desenvolvimento de outros trabalhos.

REFERÊNCIAS DAS FONTES UTILIZADAS PARA O TRABALHO:

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é Contemporâneo*, in: O que é o Contemporâneo? E outros Ensaio. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ANDRADE, Tarcisio. Psicanálise e Religião. Estudos de Psicanálise – Aracaju – nº 32 – p. 181-185. Novembro/2009.
- BERNARDES, Angela C. (org.). *10 X Freud*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.
- BIGO, Pierre. *Marxismo e Humanismo*. São Paulo: Editora Herder, 1966.
- BIRMAN, Joel. Arquivos do Mal-estar e da Resistência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BOEHLICH, Walter. *As Cartas de Sigmund Freud Para Eduard Silberstein*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- CESAROTTO, Oscar; SOUZA LEITE, Marcio Peter de. *O que é Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COLLIN, Denis. *Compreender Marx*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O Espírito do Ateísmo*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DELBONI, Paulo Cesar. *O Conceito de Alienação em Karl Marx*. Redes: Revista Capixaba de Filosofia e Teologia. Edição Especial – Ano 5, n.3. Vitória: Iftav/FSV, 2007.
- DRAWIN, Carlos Roberto. *As Seduções de Odisseu: Paradigmas da Subjetividade no Pensamento Moderno*, in: Cultura da Ilusão. Textos apresentados no IV Fórum de Psicanálise em Setembro de 1997. Clara Akiko Kishida, Edson Soares Lannes, Eliud Lucia de M. G. Brito, José Durval Cavalcante de Albuquerque e Nara Sampaio (orgs). Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1998.
- DUMÉNIL, Gérard; LÖWY, Michael; RENAULT, Emmanuel. *Ler Marx*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- FREUD, S. (1909) “Notas Sobre um Caso de Neurose Obsessiva”, in: ESB, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- _____ (1910) “*Leonardo da Vinci*”, in: ESB, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1911) “*Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia*”, in: ESB, vol. XII Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1913 [1912-13]) “*Totem e Tabu*”, in: ESB, vol. XIII Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1918 [1914]) “*História de uma Neurose Infantil*”, in: ESB, vol. XVII Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1919) “*Prefácio a Ritual: Estudos Psicanalíticos de Reik*”, in: ESB, vol. XVII Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1923 [1922]) “*Uma Neurose Demoniaca do Século XVII*”, in: ESB, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1927) “*O futuro de uma ilusão*”, in: ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1927 [1928]) “*Uma Experiência Religiosa*”, in: ESB, vol. XXI Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1933) “*Conferência XXXV – A questão de uma Weltanschauung*”, in ESB., vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GAY, Peter. *Um Judeu sem Deus*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JONES, Ernest. *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- KÜNG, Hans. *Freud e a Questão da Religião*. Campinas, SP: Verus Editora, 2006.
- LIBÓRIO, Luiz Alencar. *O Desenraizamento Religioso e o Cientificismo como Condicionantes Catárticas do Ateísmo Freudiano*. Revista Horizonte. Belo Horizonte – Vol. 7, nº 13, p. 143-160, dezembro de 2008.
- LOPES, Anchyses Jobim. *Breve Súmula de Ateologia Prática*. Estudos de Psicanálise. Salvador, nº 31 – p. 17-28 – Outubro/2008.
- MACIEL, Karla Daniele de Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. *Dois Discursos de Freud sobre a religião*. Revista Mal-Estar e Subjetividade. Fortaleza – Vol. VIII, nº 3 – p. 729-754 – Setembro/2008.
- MATTOS, Sérgio Eduardo Cordeiro de. *Ateísmo e psicanálise, necessidade ou contingência?* Disponível em <http://docs.google.com>.

- MELLO FRANCO FILHO, O de. *Psicanálise e Religião: conceitos e preconceitos*. IDE. São Paulo, 1993, (23) p. 56-59.
- MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- MORANO, Carlos Domínguez. *Crer Depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem e outros poemas*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- PIVA, Paulo Jonas de Lima. *Ateísmo e Revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier*. São Paulo: Alameda, 2006.
- RIZZUTO, Ana-Maria. *Por que Freud rejeitou Deus? Uma Interpretação Psicodinâmica*. São Paulo: Loyola, 2001.
- ROBERT, Marthe. *A Revolução Psicanalítica*. Santos: Martins Fontes, 1963.
- RUSSEL, Bertrand. *No que acredito*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- RUSSEL, Bertrand. *Por que não sou cristão*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- ZILBOORG, Gregory. *Psicanálise e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1969.